

ALVORADA

1.º Anno

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 43

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues
Redacção e administração
Rua da Republica
GUIMARÃES

Redactor principal,
Capitão Luiz Augusto de Pina Guimarães
Propriedade da Empresa da ALVORADA
Guimarães, 14 de setembro de 1911

Administrador,
A. L. de Carvalho
Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesa
R. DE PAVO GALVÃO

Justo regosijo

Está, enfim, reconhecida oficialmente pelas principaes potencias monarchicas a Republica Portuguesa. Assim o declararam em audiencia, na segunda-feira, 11, perante o ministro interino dos estrangeiros, em nome dos governos da Inglaterra, Allemanha, Austria—Ungria, Hespanha e Italia, os respectivos representantes diplomaticos. A Belgica, a Hollanda e a Noruega, reconheceram-n'a tambem.

Encarecer a importancia d'este acto das potencias seria trabalho superfluo. Elle foi, sobretudo, uma surpresa desagradavel para os inimigos da Republica, que viam na sua demora pretendidas más vontades da Europa pelo novo estado de coisas em Portugal, circumstancia esta que vinha dar alento aos reaccionarios e conspiradores, que levaram assim um golpe de misericordia dado nos frouxos alentos que ainda sentiam.

«Aquelle dia — disse o presidente de ministros — marca o fim do periodo revolucionario. A Republica está feita pelo concurso de todos. Vamos agora iniciar um periodo de ordem, de paz e de trabalho!»

Confieemos, pois, na regeneração d'esta Patria abatida, á sombra da ordem, da paz e do trabalho. Sejamos portugueses acima de tudo e unanimos para o bem commum.

«A vida da Republica—como o declarou ao povo, n'aquelle dia, o seu venerando presidente—ia tomar um novo e forte impulso. O seu coração, apesar de ser d'um velho de 75 annos, estava aberto, como aos 20, para todos os empreendimentos entusiasticos e levantados de que resultasse um bem para a sua patria. Far-se-ia um governo energico e austero, mas de paz, de liberdade, de dignidade e de justiça.»

O paiz recebeu com jubilo a boa nova, e Lisboa, a admiravel cidade democratica, foi saudar em massa, com delirio, as sedes das legações estrangeiras.

Viva a Republica!
Viva a Patria!

NOTAS DA SEMANA

Tenham paciencia!...

Os treze presos que na manhã do dia 7 seguiram para o Porto, como implicados nos acontecimentos de 13 de agosto, no meio d'uma escolta de infantaria e cavalaria, acabrunhados pelos chôros e lamentos das mulheres e pela situação a que os levou a levandade da feia acção que pretendiam pôr em pratica, deviam ter sentido, no trajeto de Campanhã para a Relação do Porto, a mais amarga das desillusões e o mais affrontoso castigo perante as manifestações hostis dos populares d'aquelle baluarte da liberdade e da democracia, de onde brilhou, em 31 de janeiro, a aurora precursora de 5 d'outubro, habituados como estavam a julgar por Guimarães o resto do paiz.

No fundo da sua consciencia deviam sentir a voz da Justiça em brados de indignada recriminação pelas consequencias funestas que podiam advir das suas rematadas loucuras, que imprudentemente, injustificadamente, podiam ter levado o lucto a alguns lares, onde incomparaveis motivos devia haver para lagrimas e lamentações, que pouca piedade infundiriam áquellas creaturas que, obsecadas pelo odio das paixões sectarias, rejubilariam enfim pela vingança satisfeita.

Bom será que áquelles a quem foi concedida a liberdade por menos culpados esta lição lhes sirva de exemplo e se vá reflectir n'aquelles que não duvidam ainda em prestar-se a conspiratas quichotescas.

A fé é que nos salva

Quando ha dias correram insistentes boatos da entrada *irrevogavel* dos conspiradores pela fronteira gallega, confirmada pela propria imprensa, houve creaturas que se conservaram a pé até altas horas da noite, conversando pelas janellas para assistirem á entrada d'elles, emquanto outras se deitavam mais cedo para lhes irem dar o abraço de boas vindas. O desapontamento, porem, foi grande quando nada viram até ao despontar da manhã, que, por signal, não era de nevoeiro...

E era tal a fé no exito da empreza, que já se indicavam os individuos a quem a restauração havia de punir ou de poupar.

A Esperança é ainda um grande lenitivo para a humanidade soffredora...

Desvarios

Segundo as gazetas, foi de quinhetas mil libras sterlingas (dois mil e tantos contos de réis) o ultimo reforço directamente en-

viado do Brazil aos conspiradores contra a joven Republica pelos nossos patricios affectos ao regimen das commendas a dinheiro, com que teriam adquirido em Inglaterra os navios ali apresados ha dias, e que deviam constituir a nova armada realista.

E lembrar-se a gente que ha por esse paiz fóra tanto estabelecimento de beneficencia e tanta instituição util onde esse dinheiro seria tão bem empregado!...

Que tal?!...

De Orense (Gallisa) informam que no municipio de Bande, na noite de 8 para o do corrente, foi crivado de punhaladas por um bando de deseseis emigrados portugueses, um aldeão, que ficou em estado grave, sendo todos presos.

Ignoram-se as causas de tão requintada malvadez; mas por esta amostra se avalia o quilate dos elementos assalariados para a conspirata.

Efeitos da «coisa»

Lucta-se por ahi, ha alguns dias, com falta de trocos, sobretudo prata, facto que se dá apenas n'esta cidade, porque os lavradores e mais gente timorata, amedrontados com os boatos da incursão dos conspiradores e com os ultimos acontecimentos aqui succedidos, e ainda com as notas mandadas retirar da circulação, tem feito grossa provisão de prata e algum ouro, receiosos de graves complicações das quaes possa resultar uma bancarrota.

A nós não nos surprehe tudo isto, porque se dizem por ahi tantas coisas a par de boatos tão disparatados, adrede forjados para o desanimo e a desconfiança, que não admira que este ingenuo, mas bom povo, se tome de pavor e considere já tudo isto perdido pela Republica.

Pois se os inimigos d'ella são tantas por ahi...

Pamphleto

Do presidente da Camara, como administrador substituto, recebemos o seguinte folheto, que só hoje podemos publicar, e que foi distribuido pela cidade:

AO POVO DE GUIMARÃES

José Pinto Teixeira d'Abreu, Presidente da Comissão Administrativa da Camara Municipal, servindo de administrador do concelho:

Attendendo ás occurrencias que se tem dado no jardim publico d'esta cidade, na occasião em que a banda do regimento toca o hymno nacional—occurrencias que os correspondentes d'esta cidade para os jornaes do Porto e Lisboa tem deturpado, exaggerando a realidade dos factos, talvez por informações menos certas, o que representa um manifesto descredito para esta terra—e, considerando que as manifestações verbaes de qualquer especie tem sido a causa proxima d'estes aconteci-

mentos, julgo medida acertada que acabem de vez, mesmo porque entendo que a forma mais solemne de todos se manifestarem, com demonstração de respeito e verdadeiro patriotismo durante aquelle acto, está simplesmente na reverencia devida ao hymno da nossa patria e não em VIVAS?

Neste sentido, e para que todos possam tranquilamente frequentar o mesmo jardim que foi construido á custa dos municipes d'este concelho, peço, a todos os Vimaraneses, sem distincção de politica, se abstenham por completo de qualquer manifestação verbal durante aquelle acto, para assim se evitar a alteração da ordem e socego publico, que nestes ultimos tempos tão abalados tem sido.

Guimarães, 6 de Setembro de 1911.

José Pinto Teixeira d'Abreu.

Concordamos que os vivos, subversivos ou não, agora que precisamos entrar na normalidade, não tem razão de ser; e os vivos não subversivos só devem admittir-se em casos de regosijo, ou para contrapôr aos vivos subversivos. E no caso presente, circumscripção ao jardim publico, achamos de boa politica a abstenção de vivos sempre que, terminada a execução tranquilla do hymno nacional, nenhum grito subversivo venha perturbar essa tranquillidade, como succedeu ainda na ultima quinta-feira.

Do muito juizo e prudencia dos dois campos antagonicos dependem a ordem e o socego publico, de que estamos carecendo para bem de todos.

Quando se manda é preciso tambem saber mandar, e tudo se consegue, independentemente da intervenção da lei, sempre que o bom senso e a prudencia, pedindo ou aconselhando, substituem as fanfarronadas de efeitos quasi sempre negativos.

O jogo em Vizella

Esclarece-nos a «Velha Guarda», por lh'o havermos pedido, que nem a Camara nem tam pouco a Comissão Municipal Republicana (organizações servidas por a mesma gente) tiveram interferencia, «por minima que fosse», na questão do jogo de Vizella—esse caso escuro que a autoridade administrativa fez suspender por nelle descobrir immoralidade de tomo e escandalo de destaque.

Assim, pois, temos: que nem foi a Camara (como se tem visto) nem tampouco a Comissão Republicana (o que seria uma inversão de poderes) quem licenciou, cobrou e auferiu lucros pelo consentimento do jogo em Vizella.

Quem foi, pois?
Quem, como particular, se arroga o direito de tratar de semelhante assumpto, se o caso é só da exclusiva competencia das corporações administrativas?!

Foi o snr. Manuel Ferreira?
Foi o snr. Mariano Felgueiras?
Leiamos primeiro o officio que lança luz sobre o assumpto:

«Ao illustre cidadão administrador do concelho de Guimarães

Os membros da Comissão parochial de S. João das Caldas, abaixo assignados, reunidos em sessão ordinaria de 15 de agosto, tendo resolvido officiar ao cidadão Ministro do Interior sobre interesses d'esta localidade, pedem a v. ex.ª se digno informar esta Comissão parochial do seguinte:

Tendo alguns membros da Comissão Municipal de Guimarães permittido o jogo n'esta localidade impondo uma contribuição de tres mil reis diarios a cada casa de jogo e considerando que as ditas casas principiaram a jogar no dia vinte e seis de junho d'este anno e fecharam por ordem de v. ex.ª no dia 18 de agosto, funcionando, portanto, 54 dias e sendo 4 casas á razão de tres mil reis, deviam ter pago a quantia de 6480000 reis alem de mais 1000000 d'outras tres casas o que perfaz a somma total de 7480000 reis, salvo erro; e, considerando que foi o snr. Manoel Ferreira, membro da Comissão Municipal de Guimarães, quem recebeu da mão dos jogadores essa contribuição allegando que seria applicada em melhoramentos d'esta localidade, esperam que v. ex.ª se informe se e snr. Manoel Ferreira foi autorizado pela Comissão Municipal a receber essa contribuição ou se a recebeu em seu nome individual.

Saude e Fraternidade.

S. João das Caldas de Vizella, 21 d'agosto de 1911.

(aa) Alvaro Ribeiro de Freitas Guimarães, Joaquim da Costa Barrocas, Alberto Alves Teixeira e José Coelho Moreira.

Mas quem são estes cidadãos que abstrahindo-se dos seus cargos, simplesmente com os seus nomes, julgam poder tratar de dispensar concessões?!

Para quem e em nome de quem fizeram elles a cobrança proveniente da auctorisação feita aos jogadores?!

Não somos nós d'aquelles que suspeitam que os dinheiros recebidos fossem parar ao bolso particular de A ou de B. Não. O que nós entendemos é que tem razão a Comissão Parochial de S. João das Caldas de Vizella quando pede esclarecimento, interessada como está na applicação da verba colhida, e que, em verdade, deve utilizar aos melhoramentos da localidade onde o jogo se permittira. Dispensamos, portanto, que nos fallem nas *inconscusas prohibidades* e mais nos *caracteres de reconhecida honestidade* que exornam os membros das referidas commissões; o que desejamos, como toda a gente, é que se façam esclarecimentos que não deixem duvidas aos mais suspitos...

A Peregrinação

Mal escudada em factos e occorências passadas entre nós, quer a *Velha Guarda* que a Peregrinação dos catholicos ao monte da Penha se não realice—evocando para isso palavras do eminente estadista Affonso Costa. Dentro do criterio d'esse grande homem de talento, que é Affonso Costa, em nosso entender deve a peregrinação consentir-se, sómente encurtando a sua marcha através as ruas da cidade, já para evitar ostentações irritantes, já para desviar os «peregrinos» de choques e motins, tão susceptíveis de virem a dar-se. A previdência é, nestes casos, melhor que a providencia... embora os «peregrinos» muito d'ella se socorram.

Manifestações?

Ainda ignoramos qual o theor do telegramma que (por certo) foi enviado pela Comissão Municipal Republicana ao Presidente da Republica por motivo da sua eleição. Lá que a Camara não sahisse do lançamento do pregão ritual, vá; mas á Comissão, creiam, esperavamos ver fazer mais alguma coisa.

Ou serão já despeitos de partidarios?...

Os correspondentes

Os correspondentes dos jornaes, julgando-se attingidos na redacção d'esse manifesto votado ao publico pela auctoridade administrativa—e onde se dizia que estes algumas vezes aggravaram os acontecimentos pelo alarde, protestaram contra a allusão, chamando-lhe uma injustiça.

Injustiça? Não cremos que o seja; porque se alguns tem sido sobrios, outros ha que tem exorbitado.

D'um nos occorre ter affirmado que eram 300 os homens que, de cacetes, na noite de 13, pretendiam entrar a cidade, quando, valha a verdade, não seriam mais de 50!

A força armada

Ha muito boa gente que lamenta não ter sido requisitada a intervenção da força armada logo aos primeiros movimentos d'essa sedição popular da noite de 13.

Nós, com pulso livre para discutir o facto, só queremos accentuar aqui que achamos de graves consequências o contacto entre a infantaria e o povo, pois quasi sempre resulta funesto.

Para exemplificar serve esse caso passado em Amarante, numa rixa de feira ou romaria, onde a força armada, vendo-se seriamente comprometida, fez fogo, sendo mortos pelas balas tres populares e feridos uns dez, tres dos quaes muito gravemente.

Devemos acreditar que por um natural instincto de conservação uns, por medo outros, o apparecimento da força armada, impondo-se, faz fugir; mas quantas vezes este promenor não é acompanhado d'uma pedra, d'uma palavra ou d'um gesto que resulta fazer descarregar irritadamente as espingardas?!

Ai, o povo, na Republica, deve ser tratado por outra maneira!

Só em ultimo caso—para evitar dos males o maior—é que a sua intervenção convem.

Quem decide?

Commentando uma noticia, diz a *Velha Guarda* (desculpem a insistencia) que todos os bons re-

publicanos devem estar com o grupo presidido por Affonso Costa, pois que o bloco é composto de arrangistas!

Arrangistas! Mas então, se ainda, ha mezes, todo o Partido Republicano estava integrado d'essa virtude—o desinteresse, se ainda ha tam pouco tempo nós reclamavamos que o Partido Republicano era um partido de sacrificados, e era verdade—como é então que tam depressa a sua maioria perde essa qualidade para que seja agora cognominado de arrangista?!

Digam antes: maneiras de ver, processos de actuar diferentes, é o que é.

Contrastemos

«Não deve surpreender, aos que conhecem a historia, o periodo de agitação em que vivemos. Na implantação da monarchia, liberal, foi a mesma coisa. Em 1834 venceu D. Pedro IV e implantou-se o regimen liberal. Pois já em 1836 surgia a revolução de setembro, a que se seguiu a contra-revolução da *Belemsada*, quando os conselheiros de D. Maria II chegaram a fazer desembarcar tropas inglezas em Belem. Até 1851, durante 17 annos, foi um enfiar successivo de revoluções, motins, tumultos, insubordinações militares. Devem pôr olhos n'isto aquelles que julgam que a Republica se podia implantar sem difficuldades. Não andaram sempre n'uma guerra pegada os marechales duque da Terceira, Saldanha, e tantos outros? Não houve a «Junta do Porto», e a «Maria da Fonte»?»

Nada ha mais eloquente que os exemplos da historia.

Tranquilisem-se os que se sustentam com as projectadas arremetidas dos conspiradores.

Justa irritação

DO «MUNDO»

A perturbação que os conspiradores da Galliza alimentam na sociedade portugueza não deriva do receio de que elles entrem no territorio nacional, mas sim de que não se resolvam a entrar n'elle. Esta situação, aparentemente paradoxal, tem uma explicação que é indubitavelmente a que lhe dá o bom senso popular, muitas vezes melhor mestre politico do que o juizo dos mais subteis estadistas. E' facil demonstral-o, e tanto mais facil quanto, como acabo de consignar, essa explicação está no espirito de todos.

Não ha ninguem que receie a entrada dos conspiradores. Ninguem duvida que logo aos primeiros passos soffrerão a mais ignominiosa derrota. E' uma certeza absoluta, e tão absoluta que elles proprios a formulam com os seus botões. A entrada dos conspiradores seria o desenlace da sua aventura. Apenas começassem a effectivar as suas ameaças, acabariam o seu papel. No principio de tudo estaria o fim de tudo.

Acabada essa aventura, desfeita a grotesca contra-revolução em que se se empenham, Portugal ficaria tranquillo, a opinião deixaria de fixar as suas atenções n'essa nuvem que, por ser de mosquitos, nem por isso deixa de ser uma nuvem, obscurecendo os horisontes da patria. Mas não se realisando essa incursão, a situação permanece a mesma, e por muito ridicula que seja a espada de Damocles alçada na mão de Paiva Couceiro, é sempre humilhante viver sob a pressão de uma ameaça.

O ajuntamento dos conspiradores na Galliza não aterra: incomoda, irrita, aborrece. A impres-

são que nos suggere é a dum bando de garotos fazendo *ped-de-nez* a um povo que os despreza, mas que não pôde eximir-se ao enervamento que lhe provoca o facto de não poder arrancar-lhes as orelhas em paga do seu atrevimento, porque se collocaram em condições de uma commoda impunidade, garantida por um asylo de que fizeram um indigno coito das suas audacias.

Emquanto não se decidirem a entrar em Portugal, esse enervamento, que é afinal de contas o ultimo incommodo que nos podem promover, subsistirá. Logo que o façam, a opinião considerará o assumpto liquidado ainda antes de disparados os primeiros tiros, porque já nada evitará que paguem caras as villanias que se permitiram.

Mayer Garção.

Aclarando insinuações

O director da «*Velha Guarda*», que, ao deixar este cargo, já tinha apresentado as suas laconicas despedidas no penultimo numero d'aquelle jornal, voltou a fazel-as com a dôr no coração e as lagrimas nos olhos, unica e simplesmente para descarregar a billis de instinctos maus sobre a *pol-tranagem* que o *moridia furiosamente*, e que *continuamente o calumniava com mentiras, diffamações, falta absoluta de senso, ausencia completa de patriotismo, odios e invejas sem conta, desprezo por ideias e principios, couces em vez de argumentos*, um verdadeiro horror que o *enjoou*, que o *entristeceu*, que o *desanimou*.

E depois d'este sudario, d'este aranzel de termos de effeito em que é perito, declara que não mais lerá jornaes da sua terra, não mais responderá ás calumnias com que continuamente pretendem incomodar o, não mais desperdiçará o seu tempo em ler as infamias com que julgam attingil-o e em dar-nos o ponta-pé (queria dizer coice) que a sua consciencia (?) revoltada exigiria se d'ellas continuasse a tomar conhecimento, porque não precisa da imprensa para se defender.

Nós chamamos a isto uma retirada vergonhosa, uma cobardia sem nome para fugir á responsabilidade d'uma discussão de moralidade, que começa a generalisar-se na imprensa local.

Mais devagar! Isto de fazer fôgo á má cara e fugir á resposta do adversario, é improprio «dum homem que não seja um canalha repugnante.»

Orgulho que quer humilhar é vil! orgulho que não deixa humilhar é nobre!

As respostas que a «*Velha Guarda*» nos dá no seu ultimo numero, discutindo com o seu proverbial rancôr e indelicadeza de phrase, provam á evidencia que o seu auctor nunca na sua vida conheceu o mais elemental Felix Pereira, e que a audacia e o atrevimento são as suas melhores qualidades.

Não nos importa saber se o director da «*Velha Guarda*» cumpre com o que promete; mas como o nosso jornal é feito essencialmente para o publico, é para elle que escrevemos como o melhor juiz, e isto nos basta.

A «*Alvorada*» não se collocou, cheia de cobardia, atraz de *toda a gente*, sobre as suas insinuações, porque ellas são tanto do dominio publico que não precisavam citadas. Mas já que a «*Velha Guarda*» insiste, e como nunca conhecemos a cobardia até no campo bem mais perigoso das campanhas militares,

dir-lhe-hemos que a *attitude anti pathica das auctoridades* (administrador Guilherme) e *de alguns cooperadores do partido republicano* (Mariano e Sabacho) por exemplo, provém dos casos do carvão, das carnes de Vizella, do encerramento por todo o domingo, da guerra ás procissões e ao Circulo Catholico, da destruição de bandeiras, das prisões arbitrarías no jardim publico, da linguagem aggressiva da «*Velha Guarda*», e outros, que nós diziamos *ser possivel* terem descontentado os vimaranenses, como bem claramente escrevemos, sem se apreciar de que lado estava a razão.

São estas as insinuações que nós e o publico sustentamos. São estas as suspeições *levantadas* sem custo, por odio ou *inveja*. São *factos concretos e positivos* que *toda a gente* conhece.

Está satisfeita?

A *fôrma acanhada e repugnante* como veio, em parte, redigido o ultimo numero do nosso jornal, honra e define, na opinião da «*Velha Guarda*», a sua direcção.

Aquelle *em parte* é a parte que lhe desagradou, a parte causticante que lhe doeu.

Então não ha elementos da propria Camara a quem tem desagradado a conducta do digno administrador do concelho?

O vice-presidente da camara não deixa perceber no seu orgão esse desgastro quando nem uma palavra se escreve do discurso que S. Ex.^a pronunciou na occasião do já celebre *Protesto*?

O mesmo vice não faz umas grosseiras insinuações ao mesmo cavalheiro quando, na «*Velha Guarda*», cita o caso de Waldeck Rousseau na Camara franceza?

Aquelle membro da Camara não estranha na sua «*Velha Guarda*» o *acrisolado carinho* com que a «*Justiça*», jornal recente local, defende o sr. Theodorico dos Santos, *delegado do sr. Antonio José d'Almeida* n'este concelho?

O mesmo camarista não vem cheio de sarcasmo nas «*Infamias*» e no «*Lá como cá*», da «*Velha Guarda*» de 2 do corrente, em que se attinge a auctoridade administrativa?

O «*Mundo*», de 9, não diz, n'uma correspondencia de Vizella, a proposito d'um centro que ali se organisa para combater quanto possivel os reaccionarios de Guimaraes, onde mandam com mais desafio que no tempo da monarchia, que «o vice-presidente da Camara preparou ha dias uma manifestação hostil ao administrador (que lhe constou ter partido para Lisboa para esse fim) dando morras áquelle e vivas a Couceiro e outros typos?»

Não ouvimos nós e não ouviamos gente (o sr. Antonio Salgado, por exemplo) aquelle vereador gritar «*Abaixo o encobridor dos thalassas*»?

Não ha testemunhas que affirmam saber que a manifestação já era conhecida com antecedencia, citando factos?

Embora não tivéssemos affirmado, mas apenas escrevessemos *parecer*, factos são factos e de nada vale negar a pé firme.

Quem é provocado regateiramente como nós fômos no Tournal por aquelle cavalheiro, justo é que se desaffronte desmascarando a sua ambição desmedida. Naquelle altura, em que os gritos saltados por gente mais ou menos da feição radical, e em que houve quem exultasse por não serem correspondidos os vivas ao digno administrador Theodorico, ao mesmo tempo que se repetiam os vivas ao ex-administrador Guilherme, aquella interrupção brusca e desvairada de Mariano Felguei-

ras, claramente denunciava as suas intenções.

Os vivas, se nos desagradaram, não foi senão pela má intenção que os occasionaram.

Já aqui declaramos que, na occasião do protesto contra os acontecimentos de 13, estavamos ausentes e em tratamento thermal, que não iamos interromper para sancionar um caprichoso *Protesto* que, não abrangendo os acontecimentos de 7, representava apenas uma mystificação.

Deixariam de ser thalassas, porventura, os thalassas que assignaram o protesto? Deixariam de ser republicanos, porventura, os republicanos que o não assignaram, como succedeu com o sr. Alberto Teixeira, que nos declarou não ter comparecido nem assignado, apesar de ser historico?

Concluir-se peremptoriamente que aquelles que não assignaram o protesto não agrada o regimen, ou com elle antipathisam, é fazer-se uma affirmação grosseira, velhaca, gratuita, como gratuita é a affirmação de que elle agrada a todos quantos assignaram o mesmo protesto.

O que podemos garantir ao articulista da «*Velha Guarda*» é que, sem a presença, na Camara, do digno administrador Theodorico, talvez ninguem ali possesse os pés, a não serem as entidades mais ou menos sujeitas ao municipio, ou os republicanos que entendessem dever comparecer; não tanto pelo odio ao regimen, mas por naturaes melindres originados por uma parte da vereação, que nenhuma sympathias por ali tem.

Se a «*Velha Guarda*» fosse *ra-soavel e andasse de boa-fé*, não precisava publicar o nosso nome... trocado; bastaria saber que nos encontravamos ausente a tratar da nossa saude, que presamos acima de métras politiquices.

Amofina-se o director da «*Velha Guarda*» por nós termos *cegado o nosso odio* provocado pela *inveja de não podermos estar no logar que elle accidentalmente occupa*, e atira-nos *delicadamente*, por tabella, com o epitheto de garoto, julgando os outros por si. Insultos d'esta ordem mereciam certo correctivo se valesse a pena pagar por bom o que não presta, ou lavar as mãos depois de as sujar tão mal.

Ciume e vaidade de mando por cargos da ordem d'esses que tem desempenhado o vice, não os deseja quem precisa descansar e quem já exerceu cargos civis e militares de muito mais importancia, sem ostentações vaidosas. E, se quizer ser justo e verdadeiro e se quizer ter boa memoria, deve recordar-se que estava presente na occasião em que, regressando nós de Braga, muito despreocupadamente, dias depois da proclamação da Republica, e sendo levados por convite á presença do sr. dr. Eduardo d'Almeida, ali declinamos immediatamente a offerta que nos foi feita para entrar na Camara, insistindo na nossa recusa em favor de A. L. de Carvalho, que a intriga já havia afastado da lista sancionada, e que teve o bom senso de não acceptar depois a entrada n'ella, apesar de instado pela digna auctoridade do districto.

Deve lembrar-se que, instados, não duvidamos em acceptar o sacrificio, na supposição de podermos prestar algum serviço á nossa terra, desde que entrasse na lista aquelle cidadão, republicano de elite, e nos fosse garantida a boa qualidade de alguns indigitados, que não conheciamos, para o decôro do municipio.

E muito melhor deve recordar-

se que nem um só passo demôs para vingar a nossa lista, ao mesmo tempo que um automovel fazia correrias doidas para Braga e os telegrammas fervilhavam para Lisboa.

E assim foi conquistado «accidentalmente» e «por mera casualidade», no senado vimaranense, o lugar que occupa o ex-director da «Velha Guarda», e no qual procurou sempre frizar que nada pretendiamos dos cargos que julga invejarmos, porque, de qualquer forma que se pretenda integrar-nos n'elles, apresentaremos a immediata recusa.

Relativamente a boa educação não queira illudir ninguem. Na rua anda-se de cabeça erguida, olhar franco e leal, e não se evita saudar o nosso semelhante quando a delicadeza o exige.

E temos dito.

Cartas litterarias

Recordando...

Para conciliar o somno rebelde, ao deitar, procurei ao acaso na estante um livro. Veiu a «Dama das Camélias» o velho drama de amor romantico. Lembrei-me logo da Sarah, da sua primeira vinda ao Porto, em toda a magnificencia da sua belleza singular. Durante a estada da Sarah naquella cidade nam ficou de reserva na mão dos jornalistas um epitheto.

Tudo lhe chamaram: esphinge, divina, neotrotica, voz de ouro, hallucinatoria, encarnação dos pecados dum seculo, fôgo sinistro, indefinivel, soberba, talento prismatico. . . . Eu sei lá! Foi convidada destes reinos, perdão, desta Republica. Já lá vam algumas boas dezenas de annos.

Assisti no velho e sujo theatro circo do «Principe Real» á apparição na «Dame aux Camélias» da Sarah.

Tinha ela casado havia pouco com Damala, um grego alto, barbudo.

Sarah Bernhardt gosava a sua lua. Um casamento a valer, com padre e tudo; nam havia duvida.

Sentado ao meu lado estava Pedro Ivo que nam queria acreditar. Meia libra em ouro tinha eu pago pela minha reles cadeira para ver a Sarah desempenhar a Marguerite Gautier; mas ao que assisti foi a um conto azul, a um idyllio feérico.

Sarah olhava curiosa para a plateia, para ver que infusorios eramos nós, mas a sua verdadeira attenção era para o seu bema-venturado noivo que desempenhava o Armand Duval.

Para tudo o mais, absoluto desprezo: pela tragedia, pelo Duval pai, por Varville, pelo conde, por todos os personagens do drama.

Sarah nam declamava, esquecia o dialogo, faltava em scena.

No proscenio consultava os espelhos, pegava no arminho da veloutine e olhava com todo o fôgo da sua recente paixão para o seu maridinho, para o seu helleno.

Sarah, a judia estonteante, a artista suprema, a deusa Toda-Poderosa desceu como qualquer mortal té ao casamento com um Damala que nem principe era: apenas, dizia-se, um sub-secretario d'embaixada.

Tolerar-lhe-iamos casamento com um grande poeta.

Autorizavamos que ella se unisse, a um Bauville, a Coppee, a Byron, a Musset; que concedesse a sua mão a um triumphador, a Bonaparte.

Mas a um grego moderno!

Se ao menos surgisse do pó dos seculos um desses herois da Hellade, dessas Cyclades, de Paros, de Naxos, que como alvos collos de mulher emergem da espuma do mar, guiando os gregos da Asia nas suas viagens para a Attica, ou um ephebo que apresentava a sua nudez divina perante a Grecia inteira e viessem sollicitar a mão da immortal artista, nam opporiamos rezistencia.

Mas consorciar-se com um grego, talvez filho dum banqueiro de Coryntho, de rabona e chapeo de côco é o que ninguem lhe tolerava.

Era uma abdicção, a fallencia da Arte.

Na plateia ninguem se conformava—tudo protestava contra esse capricho da—genial cabotine.

Mas sóbe o pano para o quinto acto. Quarto de dormir de Marguerite. Leito ao fundo; ausencia de luz. O aspecto é simples e tambem tenebroso. Vae-se cumprir uma sentença de morte... mas quem é que ignora estas scenas emocionantes?

Qualquer estudantinho de lyceu sabe-as de cór, nem ele saberá outra coisa; mas, vamos ao assumpto.

Como todo este acto decorre num continuo calefrio e Armando apenas apparece no fim para assistir á morte da sua amante, *la pauvre toquée*, esta foi a grande tragica de sempre. A voz, que era de ouro, agora assustava-nos, fazia-nos estremecer, vinha de além-tumulo. As conhecidissimas scenas do espelho, o dialogo com Gastão da falta de dinheiro, os esforços para se levantar, a tirada do dia de anno bom, a abertura das bocetas, o dialogo do casamento de Nichte tudo Sarah reproduziu com a mais consummada arte.

Na penultima scena composta toda dum dialogo entre Marguerite e Armand quando os dois amantes fazem loucos projectos de passeios, de longas viagens, nota-se já o esforço da voz de Marguerite, a ancia, a oppressão mortal—a antithese é de horroso effeito.

Ela ainda estava viva e já se via no cemiterio de Montmartre o seu tumulo e o epitaphio: Ci-git Alphonsine Plessis.

Termina o acto com a phrase de Nichte ajoelhada perante o cadaver de Marguerite: «Descansa em paz! Muito te será perdoado, pois grande foi o teu amor.»

Terminado o espectáculo desatrelaram a patelha do landau de Sarah e os seus entusiastas levaram o trem ao hotel.

Bons tempos!

Mas attenta, vigilante a maldicta toquade da altissima actriz vigiava-lhe os movimentos.

Do Porto a troupe de Sarah foi para Barcelona; pois durante o trajecto desapareceu o grego, o Damala. Os nervos irritados de Sarah sacudiram o noivo para fóra da carruagem e nunca mais se ouvir fallar delle. Sarah cuspiu-o como a um fructo azedo ou insulso.

Estava emfim vingada a Arte e novas aventuras começaram para a deslumbrante israelita!

6 setembro 1911.

Eduardo P. d'Almeida.

(REVISTA DA ALVORADA)

Maravilhas da arte antiga

XII

Grecia

A ordem jonica, dos Jónios e outros povos da Héllade (Athenas), de disposição identica á da columna dórica, é, porém, mais esbelta, nas suas proporções e no seu fino capitel, e mais rica em molduras e ornatos feitos de cordas entrelaçadas, de fiadas de perolas, ovolos e lanças. Adornavam o frizo graciosas palmetas, e as columnas, sulcadas de finas estrias, assentavam em graciosas bases atticas. A parte constructiva, que na ordem dórica se ostentava magestosa e energica, de sobrios adornos, procurava, na ordem jónica, como que dissimular-se sob a riqueza da ornamentação.

As suas columnas eram mais altas, mais elegantes, e mais ornamentadas que as da ordem dórica, ostentando o seu gracioso capitel *volutas* de cada lado ou enrolamentos duplos em espiral, ligados por molduras flexuosas d'uma graça verdadeiramente feminina, como entre outros se pôde admirar no templo de Victoria Aptera, na acropole de Athenas.

Tanto pela cultura das artes, como de outras superiores fórmulas cultas do espirito humano, o genio artistico, o fino gosto e a grande agudeza dos athenienses, ou o chamado *atticismo*, fez com que depressa elles tomassem logar preponderante entre os demais povos gregos.

A ordem Corinthia, de apparecimento mais recente, distingue-se ainda das ordens anteriores por maior numero de molduras e ornamentos, e o seu delicioso capitel, attribuido ao architecto Calimaco, devido ao caso fortuito de uns pés de acantho que elle observára, n'um cemiterio crescendo e dobrando-se em volta de um açafate, coberto com uma tabua, sobre um coval, constitue a mais bella e formosa forma decorativa que até hoje se inventou.

As suas columnas eram mais finas e esbeltas, obrigando o intercolumnio a ser menos espaçoso.

jado para assegurar a resistencia ao peso a suportar; as molduras eram preciosamente ornadas, o frizo cheio de figurações, e *medilhões* ornados de folhagem supportavam a cornija; mas o artistico capitel, ornado de folhas de acantho e de pequenas volutas, era o que dava o encanto e a primazia d'esta ordem architectonica entre os outros estylos conhecidos.

A mais antiga applicação d'esta ordem teve logar no gracioso monumento que em Athenas recorda o premio ganho pelo côro dirigido por Lysicrates.

Desde então só em construcções de grande magnificencia se applicou esta ordem architectonica, como o merece a sua belleza e a riqueza especial da sua ornamentação.

Como modernamente se demonstrou com investigações pacientes, todos os bellissimos templos construidos com o magnifico marmore pantélico, eram externamente adornados de polychromias decorativas; seguindo os gregos, n'este caso, o mesmo gosto dos Egypcios, fazendo destacar os seus monumentos pela belleza do colorido.

Uma outra ordem architectonica, de menos voga,—a ordem das Caryatides, teve applicação no pequeno templo de *Pardrosia*, na acropole de Athenas, dedicado áquella nimpha, filha do egypcio Cécrops, primitivo fundador d'esta cidade, e que fóra erguido no local, onde, segundo a tradição, Athéna tinha feito surgir do solo um oliveira.

Consistia esse primor architectonico na originalidade da substituição das columnas por seis caryatides ou estatuas representando jovens gregas da cidade de Caryae, tendo cada uma, em guisa de açafate, um toro sobre a cabeça ornado de ovolos. As phisionomias eram esculpidas com um ar suave e digno para não parecer ser-lhes pesado o entablamento, e tinham o corpo em attitude elegante, os braços cortados proximo aos hombros e as tunicas e *pepluns* dispostos em meudas pregas symetricas, imitando *canelluras*, como a dar idéa das columnas que graciosamente substituiam.

REPORTAGEM

Selvageria

Na Senhora do Porto d'Ave, houve, ao que dizem, pancadaria de crear bicho, sendo a policia muito maltratada, apesar de se ter prohibido o uso dos cacetes no recinto da romaria.

E se assim não fosse a romaria não prestava, porque não tinha havido ao menos um *barulho*. Emfim... tradições.

Até á Penha

Um grupo de cortidores e surradores d'esta cidade, levando as suas bandeiras de classe, e acompanhados de uma banda de musica e de grupos das corporações dos oleiros, typographos, barbeiros e constructores civis, com as respectivas bandeiras, foram em passeio á nossa soberba Penha, onde ouviram missa e passaram a tarde em alegre confraternidade e a esgaçar sinos, regressando á noite com archotes.

Na vespera illuminou a Penha onde se queimou vistoso fogo, e a banda dos Guizes tocou no jardim publico até ás 11 e meia horas da noite, agradando, como sempre. Nada occorreu de anormal, indo a cavallaria postar-se a ponte, depois de um passeio pela cidade. Ainda bem.

Subscrição

Continua aberta a subscrição para auxilio de banhos de mar, ás creanças pobres, de que tratamos no ultimo numero.

Redacção da «Alvorada» . . . 1\$500

Notas da policia

Burla — Thereza Mendes de Mesquita, servical, da rua de Camões d'esta cidade, de 47 annos de idade, que, servindo desde tenra idade, juntára algumas economias, como precisasse promover uma acção contra os herdeiros do fallecido commendador Miranda, por lhe haverem ficado com alguns objectos, assim o contou ao funileiro Guilherme Augusto, casado, pratileiro da ban-

da «Boa União», que se promptificou a arranjar um escrivão de Direito para promover a acção; e fallando com o Simão Antonio Marques o «Carne Assada», barbeiro, seu amigo intimo, combinaram então que o Simão fizesse de escrivão, encarregando-se o Guilherme de ir estorquindo diversas quantias para entregar áquelle a titulo de preparos para processo. Um simples bilhete pedindo qualquer quantia era logo satisfeito, repartindo os dois entre si a quantia pedida, chegando as cousas a tal ponto que a mulher do Guilherme e o filho do Simão tambem iam arranjando a sua maquia por conta da acção.

A pobre mulher, que não queria divulgar que promovia a acção contra o seu ex-patrão, assim foi dando todo o dinheiro que tinha e mais algum que pedia a diversas pessoas, calculando-se o logro em perto de 500:000 reis.

No dia 8 do corrente, como o escrivão e o Guilherme precisassem de ir á romaria da Senhora do Porto, pediram mais 35:000 reis á Thereza, indo esta pedir 20:000 reis para entregar á mulher do Guilherme, e mais 15:000 reis ao negociante sr. Lemos, chapeleiro, que ouvindo dizer que era para entregar ao escrivão da acção, deu conhecimento do caso á policia, que, por sua vez, apresentou com o escrivão e seu filho Fernando Marques e com Guilherme e mulher Gertrudes de Jesus, no tribunal para darem conta da burla que durava á cêrca de um anno.

O meretissimo Juiz substituto arbitrou-lhes fiança em 400:000 reis cada um.

Queixas—Antonio Augusto, de Rendufe, contra Antonio José da Costa Gonçalves, e filho, Antonio Gonçalves, por no dia 2 do corrente, na rua do dr. Avelino Germano, d'esta cidade, haverem espancado o queixoso, produzindo-lhe ferimentos na cara e contusões pelo corpo.

—Francisco José Ferreira, pe-dreiro, de Gonça, contra João das vendeiras, lavrador, da mesma freguezia, por no dia 7 do corrente haver espancado o queixoso quando regressava da romaria da Senhora do Porto.

—Rosa Maria, viuva, do rio dos Castanheiros, da freguezia de Azurey, contra Rosa Christas, solteira, mendiga, da mesma freguezia, por haver espancado a queixosa, produzindo-lhe um ferimento no braço esquerdo.

—Maria Thereza, casada, da rua Trindade Coelho, contra João Fernandes e mulher Anna, da mesma rua, por haverem apedrejado a casa da residencia da queixosa.

Todos para juizo. —Acaba no dia 16 do corrente o concurso para o preenchimento de uma vaga de guarda de Policia civil d'esta cidade.

Administrador do Concelho

Regressando da capital, no ultimo domingo, encontra-se de novo, á testa da administração d'este concelho, o digno administrador, sr. alferes Theodorico Ferreira dos Santos. Seja bem vindo.

Flores de Neve

Livro de versos

— DE —

Jeronymo d'Almeida

PREÇO 400 REIS

A venda na Papelaria e Tabacaria Lemos e nas principaes livrarias do paiz.

ALVORADA

SALGADO

RUA 31 DE JANEIRO—GUIMARÃES

Completo sortido de fazendas brancas, miudezas e fazendas de moda
Variedade em colletes d'espartilhos da casa Santos Mattos (fabricantes)
Chá preto e verde de superior qualidade
Vinhos finos da casa Ferreirinha que se vendem por os preços da tabella
Um grande sortido de bordados que se vendem a pezo. Pengas, suspensorios e gravatas para homem e creança. Sabonetes e perfumarias finas.

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 31—A—, junto á Praça de S. Thiago, a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo d'Araujo.

PHOTOGRAPHIA CARVALHO

GUIMARÃES

José dos Santos Carvalho participa aos seus ex.^{mos} amigos e freguezes que tomou a direcção technica do novo e luxuoso atelier á rua de Payo Galvão, 98, junto ao edificio dos Bombeiros Voluntarios, construido segundo todas as regras da arte e dotado dos melhores aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes photographicos para medalhas, perfeitos e eternos — Retratos em porcellana

Retratos réclame desde 600 reis a duzia — Ampliações inalteraveis desde 2\$000 réis.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados etc., etc.

Quem deseje adquirir um bom retrato a preços que ninguem póde egular, não hesite em procurar sempre esta casa. Opera-se com todo o tempo.

NOTA: De harmonia com a lei do descanso semanal, esta photographia acha-se encerrada ás segundas-feiras

Casa High-Life

93, Rua da Rainha, 97



CHAPEUS PARA SENHORA E CREANÇA

(Ultimos modelos)

Exposição permanente no 1.º andar

Malas de mão (Bolsas)

LEQUES, muita novidade

Camisaria, Gravataria, Espartilhos e artigos de bordar

Deposito de luvas em todas as qualidades

— PREÇOS FIXOS —

Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios
DEPOSITO DE MALAS
VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha	40 rs
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, anno (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Numero avulso	20 "	Annuncios, não judiciaes, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ex.^{mo} Snr.